

Entrevista do sr. HENRIQUE CASTRO, TUCANO, Tuxáua de Pari-Cachoeira a CARLOS A. RICARDO/CEDI, em São Gabriel da Cachoeira/AM, em 01.05.87, registrada em vídeo/VHS por Murilo Santos.

Álvaro - ... gravação que está tendo aqui é prá esclarecer algumas coisas, quando a gente tiver uma grande assembléia em Pari-Cachoeira, aí sim você vai ter todos os seus ornamentos, toda sua autoridade, toda sua (...), você vai falar assim, mas aqui é prá esclarecer o que vai acontecer, o que nós estamos pensando. Henrique, fala aí prá gente o que está acontecendo em ...

HC - Eu vou contar só algumas estórias, só alguns pontos, eu não vou detalhar todos os pontos que estão acontecendo. Então nesse dia que eu estou aqui em S. Gabriel, eu fui convidado pela Segunda Assembléia Indígena do Rio Negro, então, como capitão do povoado, eu vim assistir essa Assembléia. Então eu toquei para o Cel. Teixeira só em alguns pontos. Então eu gostaria que o senhor fosse lá onde eu moro, na minha aldeia, aí eu contaria a estória completa. Então nesse dia que eu estou aqui em S. Gabriel eu não vou contar toda estória completa, eu vou botar só alguns pontos.

Então quando eu era criança, por aí com 8 anos de idade, veio uma comissão para marcar com marcos Brasil com fronteira, então essa comissão, brasileiros, não perguntaram nada, nada. Então eles vieram e começaram a botar marcos do Brasil. Então nossos avós, sem conhecimentos, sem entender, sem falar, sem perceber o que eles estavam fazendo. Então nós perdemos, hoje a gente tá calculando, assim a vista, do rio Papori, rio Tiquié, rio Papuri, nós perdemos nosso direito, nossas terras, 800 léguas. Então eles começaram a marcar nosso Brasil, Brasil com Colômbia, nossos irmãos ficaram muito na região colombiana, então ficaram Tuiuka, Barasana, Yepá, Cubeo..., todas essas tribos, então são nossos irmãos. Naquele tempo ninguém sabia o que eles estavam fazendo. Já faz muito tempo, depois de muito tempo que ocorreu isso, nós viemos perceber.

Depois disso entrou a congregação salesiana. Antes de entrar a congregação salesiana vinham muitas outras congregações. Então nossos pais não aceitaram, então eles retornaram. Então, uma vez que a congregação salesiana estava fazendo alguma coisa, então nossos avós convidou prá estar lá em Pari-Cachoeira. Isso foi 1940, e nossos pais receberam e colocaram prá eles ensinar alguma coisa, então nossos avós colocaram e eles começaram a ensinar alguma coisa prá gente. Como eu digo sempre, eu fui o primeiro aluno do Salesiano D. Bosco, primeiro missionário. Depois fui aumentando, aumentando, eles não ensinaram só a ler e escrever, mas ensinaram também a trabalhar.

Depois disso, começaram a aprender, chegaram aqui em S. Gabriel, fizeram o segundo grau, e eles aumentaram mais. Depois disso, como eu estou agora com 50 anos é que percebo isso, quando eu fui, em 1961, eu estive em Brasília, S. Paulo, Rio de Janeiro, nós tivemos o Congresso Eucarístico Internacional de D. Bosco, era do mundo inteiro, então eu conversava, contava tudo isso, e eu sabia que ia acontecer. Então nós começamos a trabalhar com calma, direitinho. Primeiramente, a missão entrava aqui, falava, todo mundo a gente erra quando não conhece, né? Então eles falavam que os nossos enfeites eram pecado, eram do demônio, eram do inferno, então perdemos metade. Agora, quando nós com estudo, com modo de ver, então nós...

Álvaro - Henrique, naquele tempo a gente tinha poucos pecados, acho que nós temos mais pecados hoje.

HC - Não, o que é coisa boa para a comunidade, nós não vamos perder mais, vamos defender, então nós começamos a defender. Então nós salvamos metade e perdemos metade. Agora, essa metade que nós salvamos, daqui prá diante nós não queremos mais perder. Aí tudo aquilo que a gente ia perder nós salvamos tudo. Depois disso, 1971, começaram a falar da parte do padre salesiano, então diziam que a comunidade tinha que salvar nossa terra; nós não sabíamos que era demarcação, o que era terra, então nós pensávamos que toda essa área era nossa, tudo onde está habitando índio era nossa, ninguém podia pedir porque não estávamos vivendo na terra dos outros. Nós não viemos do Pacífico e mais não sei o quê, nós vivemos aqui desde muito tempo antes do descobrimento do Brasil. Quem que vai tirar a nossa terra? Nós somos filhos da terra, agora o governo é que pode pedir a nossa terra, não são os índios. Aí nós conversamos, então o padre falou: "é bom que você vai demarcar vossa terra, senão você vai perder, porque é a lei que saiu assim, prá durar cinco anos", ele contava, né. Aí nós começamos a fazer um mapa, traçando tudo aí. Aí nossos avós apareceram: "se vocês quiserem fazer isso daí vocês têm que consultar os velhos, não é com o trabalho das crianças, tem que consultar os velhos"; então nós fizemos o mapa e mandamos, quando estava trabalhando o Gal. Bandeira na FUNAI, mandamos o mapa e resposta: nada, nada. Aí nós mandamos outro mapa, resposta: nada.

Depois apareceu outro general, era o Gal. Ismarth, era presidente da FUNAI, aí nós fizemos outro mapa e mandamos: nada. Então quando passou a terceira vez, o Gal. Ismarth disse: "Henrique, você tem que fazer acordo Pari-Cachoeira, Jawaretê, Tarakuã e Içana, fazer um só mapa, assim vai ficar mais fácil prá vocês". Aí nós fizemos, então nós convidamos de Jawaretê, de Tarakuã e do Içana. Não apareceram. O povo de Tarakuã pensou que nós íamos tomar deles o

lago de pescaria, Tarkuá vive de pescaria, não era isso que a gente ia fazer. Não entendemos. Aí nós começamos a trabalhar e quando apareceu o Gal. Ismarth e me falou: "Henrique, já fizeram o mapa único?", o pessoal não veio, a gente não podia fazer nada, então nós falamos: "olha, nós queremos a nossa terra, nós vamos trabalhar, nós vamos fazer tudo, agora o senhor vai fazer tudo que nós estamos pedindo". Mandamos, e nada, não apareceram. Depois de um tempo apareceu outro general, coordenador do Amazonas, não sei o nome dele, Gen. Demócrito, parece; ele apareceu e disse: "você faça e esse vai sair, eu mesmo levo esse mapa, vou levar na presidência, vou mandar assinar, e eu mesmo vou trazer e entregar na vossa mão". Aí nós fizemos e mandamos. Como ele prometeu, ele levou e trouxe como proposta, foi aprovado como proposta, e não foi assinado nem pelo presidente da República. Aí ele me falou, quando nos estava entregando esse mapa: "você está pedindo muita terra, esse pedaço é muito grande prá vocês", então eu falei: "estatuto diz que povo índio pode pedir terra onde você está pescando, onde você está caçando, onde seus avós habitavam, você pode marcar terra até aí, como é que pode ser isso?". Aí ele ficou calado. Depois de tanto tempo, apareceu outro nosso avô e disse: "vocês erraram, seus avós moravam aqui, você tem que refazer isso", então nós renovamos, aí eles falaram: "não pode ser mais, porque vocês ampliaram esse outro pedaço, que negócio é esse?", aí eu falei...

P - Qual era esse pedaço ?

HC - Era da boca do Traíra prá cá, nossos avós moravam na boca do Traíra, tem sinal de que eles moravam lá. Então nossos avós diziam: "nós já perdemos 800 léguas, como você está falando, agora esse pedaço, como eu vivi aqui, meu pai e meu avô viveram aqui, eu não quero mais perder", e nós fizemos e traçamos e deu confusão, apareceu muita coisa.

Nesse tempo aparece outra vez a equipe da FUNAI e as besteiras deles, porque os índios não têm tanta besteira de documentação, de mandar, nós não temos isso, o que nosso pai falou prá nós é aí. Como eu estava dizendo prá ele: "se o meu avô tivesse tanto armamento, tanta besteira de lei, lei em cima de lei, hoje eu também estaria um general", como é que eu vou inventar tanto, eu não compreendo mais. Agora, se nós somos dono da terra, como é que quem veio depois vai mandar na gente?. Aí eu comecei a ficar um pouco revoltado, aí houve confusão em cima de confusão. Antes disso nossos irmãos Cláudio, Rafael, Raimundo Gentil, Raimundo Barreto, lá no garimpo, começaram a falar em ouro, naquele tempo ninguém sabia de ouro. Então nós vamos trabalhar no Içana, então eles foram trabalhar na cabeceira do Içana e voltaram...

P - Que tempo era esse ?

HC - Isso foi em 82. Então eles foram lá ver como eles estavam fazendo e voltaram com amostra, aparência de ouro. Então nós vimos tudo e eles começaram a falar: "parte daqui, de onde seus avós moravam é capaz de ter lá". Então eles começaram a pesquisar, pesquisar, pesquisar... Aí eles foram e voltaram e nada; e foram outra vez, não encontraram nada e foram outra vez, não encontraram nada; e foram outra vez, aí encontraram alguma coisa, aqui na Serra do Traíra, os índios que foram descobrir primeiro, isso foi em 84. Aí começaram a descobrir, e começaram a trabalhar; algum voltava com 5 gramas, 10 gramas, 70 gramas, conforme a sorte que ele tinha. Aí eles voltaram prá avisar a gente. E começaram a falar, enquanto eles vinham prá falar prá gente, aí peões encheram onde a comunidade indígena descobriu e encheram. Quando eles voltaram prá lá não deram mais licença, então ninguém pode entrar lá, o garimpeiro branco que veio de S. Gabriel prá lá, porque nesse tempo tinha muito garimpeiro aqui, agora não tem mais.

P - Quantos garimpeiros entraram lá no Traíra ?

HC - Era bastante, não sei o número. Aí nós começamos a fazer, começamos a esquentar, a mandar tudo isso, começamos a pedir ajuda, aí os índios não podiam mais trabalhar e voltaram. Aí os índios começaram a pesquisar em outra parte e descobriu. Nesse tempo entra a Paranapanema, sem perguntar prá gente, sem pedir licença, entraram no rio Solimões, no rio Papori e entraram no rio Traíra. Como é que vamos fazer agora ? Eles estão na terra dos índios, aí as pessoas começaram a esquentar. Nesse tempo, aparece o C.M.A. e começou a conversar comigo tudo isso, e eu contei: "nossa terra aqui é assim e assim, era aí e nós perdemos, agora nós estamos querendo defender a nossa terra", aí ele, o Ten. Alexandre, do C.M.A. Comando Militar da Amazônia, disse: "é de vocês, que que a gente pode fazer, nem nós podemos tocar, nem comerciante nem firma pode tocar". Nesse dia eu estava, Paranapanema entrou, começou a trabalhar, C.M.A. ficou contra, então eles mandaram telefonar aqui em Manaus, não sei, parece que o chefe dele disse que não fizesse nada contra eles, ficassem calmos. Aí os índios começaram a ficar tristes, não deixavam mais trabalhar, nem deixavam mais ir lá com ele, então os índios descobriram outra parte, em cima, e começaram a trabalhar. Depois de trabalhar tanto a Paranapanema botou fora todo mundo que estava trabalhando onde nós descobrimos primeiramente, o garimpeiro branco, transportou tudo. Nesse tempo, o resto fugiu, principalmente o Moreira, o Teodorico, tanta gente.

Então a comunidade falou: "nós não queremos branco, nós não queremos que venham prejudicar a gente, é melhor que você saia daqui

e vá em paz, não atrapalha senão vamos começar a ficar bravo", aí ele: "você são índios, você não valem nada, se a gente quiser matar você nós eliminamos tudo", aí começaram a esquentar. Chega a segunda vez: "nós te avisamos, é melhor que você vai, sai daqui", continuaram a briga, aí chamamos a terceira vez: "nós já avisamos, vai em paz, defende a sua vida, vai trabalhar em outra parte, aqui você não entra, aqui é nossa terra, nem você nem outra firma pode mandar aqui". Aí começaram a falar não sei o que, e os índios ficaram bravos e começaram a se levantar e houve morte, mataram 3 brancos. Aí houve confusão, aí nós corremos prá defender, nessa hora, a força que devia ajudar, recolheu. Aí nós aguentamos a barra.

P - Esses brancos que foram mortos eram garimpeiros ?

HC - Eram. Eles avisaram, não quiseram obedecer, então os índios se levantaram. Então continuamos em cima dessa estória, o Benedito, o Álvaro e outro companheiro nosso, tinham que correr à Brasília. Brasília não deu apoio e ele foi atrás de outras pessoas que não quiseram agir. Aí nesse tempo todo povo estava contra Paranapanema, sabia que Paranapanema entrou sem licença, todo mundo estava contra, contra, contra. Todo mundo começou a gritar, desde criança até o último. Nessa hora aparece o Cel. Guadalupe com uma equipe governamental e o Amâncio que está governando aqui em Manaus, aí nós falamos a verdade, então eu como autoridade, peguei báculo prá ele fazer, então eu pedi prá ele: "de hoje em diante você demarca, prá não haver mais conflito, nós queremos a nossa terra", e ele pegou nosso báculo de princípio, de juramento e ele jurou: "eu vou fazer o máximo possível, nós vamos ajeitar, prá isso nós viemos. Parecia que eles estava enganando prá gente, queria lágrimas da gente, saiu e não apareceu mais. Nesse tempo a gente queria botar fora a Paranapanema, todo mundo revoltado. Depois disso, quando a FUNAI diz: "nós vamos fazer todo possível, vamos fazer histórico", nós contamos tudo, o que era do nosso tempo, o que era antes do Brasil, o que é agora, eles iam escrever, iam fazer tudo, e não sei o que mais, naquele tempo era o Alceu Cotia, antropólogo da FUNAI, e ele prometeu fazer tudo isso prá apresentar na presidência...

P - Alceu Cotia ?

HC - Alceu Cotia. Ele fez direitinho, conforme a nossa história, até hoje não apareceu mais. Aí a Paranapanema aparece prá outro nosso irmão, que não entendem: "olha, nós vamos fazer o possível por você, o governo não fez, a FUNAI não fez, mas a Comércio Paranapanema tem dinheiro prá jogar fora, e nós vamos fazer a demarcação prá você", aí a comunidade indígena abriu mão, pensan-



do que eles iam demarcar nossas terras. Quando nós pedimos eles recuaram: "o governo não quer que a gente faça", e assim por diante. Confiamos e nada feito. Paranapanema no ano passado começou: "aqui na área que a gente tá trabalhando não dá prá botar maquinaria e não sei o que mais, nós queremos fazer um convênio com vocês, não sei se vocês vão decidir, se não decidir, vocês perdem tudo; vão entrar não sei quantos garimpeiros brancos, o governo vai colocar aqui e vai encher; se a gente fizer, vamos ajudar vocês, vamos defender vocês". Então a comunidade abriu mão outra vez, e disse: "tá bom, nós abrimos outra vez prá vocês pesquisarem, não prá trabalhar. Quando vocês acabarem de pesquisar a gente vai se encontrar outra vez, aí a gente vai ver a possibilidade de fazer por cento, aí a gente vai entender, partir metade-metade, se você não concordar com isso, então cai fora. Você tem que fazer conforme pedir a comunidade". Então eles falaram: "nós vamos fazer tudo, não sei o que mais". Aí vem o Álvaro: "olha, dia 27 nós vamos ter encontro, Segunda Assembléia Alto Rio Negro", então eu fui convidado, chego aqui em S. Gabriel da Cachoeira, dia 27 à tarde, logo depois da janta, encontro aqui perto, na FUNAI, o Cel. Guadalupe, então ele me pergunta: "Henrique, como é que vai você? Você agora não é bravo não, você está bom agora?" - "Não, eu não estou muito bom não." - "Por que?" - "Porque a minha terra ainda não está demarcada, você não demarcou, como é que eu vou ficar satisfeito?", e ele: "Uê, Paranapanema não demarcou?", eu falei: "não, Paranapanema não marcou". - "Porque ele se prontificou a marcar, nós ficamos de lado, porque vocês fizeram acordo com a Paranapanema prá marcar sua terra". Eu fiquei calado, que eu podia dizer?

Dia 28, depois do almoço, antes da reunião, eu encontrei com o Cel. Dornelles, então eu falei prá ele: "como é coronel, vocês prometeram demarcar a nossa terra, e até agora não demarcaram". "Ah! Depende do governo, da FUNAI e de vocês, se vocês quiserem nós demarcamos". Jogo, muito jogo.

Agora nessa reunião aparece o Cel. Teixeira: "o Calha Norte vai entrar, vai fazer demarcação da sua terra, tudo direitinho", a gente espera, agora vamos ver. Eu falei detalhadamente pro Cel. Teixeira; nós recebemos educadores, missionários salesianos? Recebemos. Nós recebemos Força Aérea Brasileira? Recebemos. E nós recebemos a FUNAI, tudo direitinho, só que a FUNAI está falhando, tudo aquilo que índio precisa, não colabora e não faz, é defeito isso. Agora nós queremos, entraram e como nós já tínhamos recebido, recebemos. Agora peço uma coisa: se o Calha Norte entrar, tem que dar apoio, registrar a nossa terra, demarcar a nossa terra, trabalhar com o povo indígena, com os filhos da terra. Agora nós não queremos que tragam pessoal de fora, isso nós pedimos...

P - Ele falou alguma coisa ?

HC - Ele falou: "tá bom, nós vamos fazer tudo que a comunidade pede, não vamos trazer nada, vamos começar a trabalhar com vocês", então eu falei: "aqui já têm pessoas que sabem fazer, se você vai trazer técnico, quando a gente aprender, ele volta, nós não queremos que misture, então nós só queremos o Calha Norte prá ajudar, prá defender", - "Tá bom, muito bem, é assim que eu gosto", vamos esperar. Ele não marcou nada, nem data, então eu falei: "nós estamos pedindo urgentemente a demarcação na nossa área de Traíra à Pari-Cachoeira, isso nós precisamos. Tanto tempo, 16 anos nós estamos sofrendo, pedindo, pedido em cima de pedido, pedindo em cima de ofício, em cima de relatório, até agora não está resolvido, 16 anos. Depois de 16 anos não tem previsão nenhuma, não tem nada, como é que vamos fazer ?". - "Nós vamos fazer tudo". - "Muito bem, se você vai fazer onde nós estamos pedindo, onde nós vamos mostrar, nós não estamos pedindo terra de você, nós queremos que você reconhece, nós não estamos pedindo porque a terra é nossa, porque já era habitada há muito tempo, antes do descobrimento do Brasil, você vai fazer o que nós estamos mostrando". Ele falou: "tá bom, nós vamos fazer tudo aquilo que vocês estão fazendo, nós não vamos destruir, a primeira coisa é que vocês têm que receber sua terra, vocês fizeram tanto, agora vocês vão receber primeiro Pari e Maturacá, nós vamos fazer o possível". Então nós vamos esperar.

P - Até quando ?

HC - Até nós... Até quando eu não sei, isso ele não me disse, eu perguntei até quando prá ele e ele disse: "a sua terra já está reconhecida, a proposta já está reconhecida, falta só chegar lá e demarcar, só que está faltando verba", muita gente fica assim: "claro que está faltando verba na nação, o Brasil está devendo, e desse jeito vai melhorar ?".

P - Mas ele mostrou pro senhor o documento que comprova que a terra já está garantida ?

HC - Não, isso não mostrou não. Agora, nós temos a proposta, e chegando em casa vamos verificar tudo direitinho, o mapa que foi traçado e tudo isso. Aí vamos estar todos juntos.

P - Agora qual é a proposta que vocês estão querendo prá terra de vocês hoje? Descreve prá mim os limites mais ou menos.

HC - A proposta, o limite que a gente está querendo, a faixa de fronteira é nossa, o que eles estão dizendo é: a faixa de fronteira é 150 da Calha Norte. Isso não queremos, porque nós moramos na faixa da fronteira, na faixa da fronteira é que estão os meus irmãos índios; na fronteira, perto do marco, está lá uma aldeia, um povoado, como é que ele pode sair, aí eu contei prá ele, e ele falou: "nós não vamos tirar nada, não vamos mexer em nada", então per

guntei: "o quê significa essa faixa da fronteira 150 km, me conta?", então ele me disse: "a faixa de fronteira não tem nada, é de vocês, aí é que nós vamos demarcar". Estamos esperando, essa é a proposta que ele me fez.

P - Mas ele não fez nenhuma proposta no sentido de criar uma colônia agrícola, uma colônia indígena, ele chegou a falar isso com o senhor ?

HC - Eu perguntei, né ? Coronel, o que significa colonos da fronteira ? Então ele disse: "sabe, porque colonos são vocês, vocês é que são donos da terra, vocês é que vão trabalhar lá, nós não vamos trazer pessoal de fora", então eu falei: "tá bom, se vocês não vão trazer pessoal de fora, nós agradecemos, agora se for trazer pessoal de fora, isso nós não aceitamos."

P - Atualmente o que o projeto Calha Norte está fazendo lá na área ?

HC - Onde nós estamos não tem nada. Onde nós estamos tem colégio dos padres, dos educadores, tem a FAB e a FUNAI, mas a FUNAI e a FAB só de vez em quando eles passam. Agora quem está fixo mesmo é só a missão, com o povo.